

ARGONAUTAS DO DESERTO
Análise estrutural da Bíblia Hebraica

BIBLIOTECA DE ESTUDOS BÍBLICOS

- *História política de Israel*, H. Cazelles
- *As cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas*, M. Carrez / P. Dornier / M. Dumais / M. Trinialle
- *Jesus e as estruturas do seu tempo*, E. Morin
- *Chave para a Bíblia: A revelação, a promessa, a realização*, Wilfrid J. Harrington
- *Bíblia, Palavra de Deus: Curso de introdução à Sagrada Escritura*, V. Mannucci
- *Jesus e a sociedade de seu tempo*, J. Mateos e F. Camacho
- *Libertando Paulo: A justiça de Deus e a política do apóstolo*, N. Elliott
- *Ásia Menor nos tempos de Paulo, Lucas e João*, Eduardo Arens
- *Evangelhos apócrifos*, Luigi Moraldi
- *A teologia do apóstolo Paulo*, James D. G. Dunn
- *Jesus segundo o judaísmo*, B. Bruteau
- *Liturgia judaica: Fontes, estrutura, orações e festas*, C. di Sante
- *O memorial de Deus: História, memória e a experiência do divino no Antigo Israel*, M. S. Smith
- *A Bíblia sem mitos: Uma introdução crítica*, E. Arens
- *Da religião bíblica ao judaísmo rabínico: Origens da religião de Israel e seus desdobramentos na história do povo judeu*, Donizete Scardelai
- *Compreender o Antigo Testamento: Um projeto que se tornou promessa*, Gilles Drolet
- *A arrogância das nações: A Carta aos Romanos à sombra do Império*, Neil Elliott
- *Jesus e as testemunhas oculares: Os evangelhos como testemunhos de testemunhas oculares*, Richard Bauckham
- *O escriba Esdras e o judaísmo: Um estudo sobre Esdras à luz da tradição judaica*, Donizete Scardelai
- *Para ler o apóstolo Paulo*, Chantal Reynier
- *O Jesus do Povo: Trajetórias no cristianismo primitivo*, Robin Scroggs
- *A origem da Bíblia: Um guia para os perplexos*, Lee Martin McDonald
- *A loucura de Deus: O Cristo de João*, Alberto Maggi
- *Argonautas do deserto: Análise estrutural da Bíblia Hebraica*, Philippe Wajdenbaum

PHILIPPE WAJDENBAUM

ARGONAUTAS DO DESERTO

Análise estrutural da Bíblia Hebraica



Título original: *Argonauts of the Desert – Structural Analysis of the Hebrew Bible*

© Philippe Wajdenbaum, 2011

ISBN 978-1845539245

Tradução autorizada pela Equinox Publishing Ltd.

Edição brasileira intermediada pela agência literária Eulama International

Tradução: *Elizangela A. Soares*

Direção editorial: *Claudio Avelino dos Santos*

Assessoria bíblica: *Paulo Bazaglia*

Assistente editorial: *Jacqueline Mendes Fontes*

Revisão: *Caio Pereira*

Tarsila Doná

Diagramação: *Dirlene França Nobre da Silva*

Capa: *Marcelo Campanhã*

Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Wajdenbaum, Philippe

Argonautas do deserto: análise estrutural da Bíblia Hebraica / Philippe Wajdenbaum; [tradução Elizangela A. Soares]. – São Paulo: Paulus, 2015. – (Coleção Biblioteca de Estudos bíblicos)

Título original: *Argonauts of the Desert – Structural analysis of the Hebrew Bible*, de Philippe Wajdenbaum.

ISBN 978-85-349-4177-8

1. Bíblia. Antigo Testamento - Análise estrutural I. Título. II. Série.

15-04030

CDD-221.663

Índices para catálogo sistemático:

1. Antigo Testamento: Bíblia: Análise estrutural: Teologia 221.663

1ª edição, 2015

© PAULUS – 2015

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)

Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5087-3700

www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4177-8

AGRADECIMENTOS

Este livro é baseado em uma tese de doutorado em Ciências Sociais-Antropologia levada a cabo na Université Libre de Bruxelles (ULB), em 2008, com o apoio de uma bolsa de doutorado concedida pelo Fonds National de la Recherche Scientifique (FRS-FNRS) da Bélgica (2005-2009).

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer cordialmente à minha orientadora, Professora Michèle Broze, por me guiar e apoiar ao longo desta pesquisa. Seus preciosos conselhos me ajudaram a encontrar o meu caminho na literatura grega. Ao ser exigente, ela me instigou a sempre buscar mais e, de fato, encontrar mais. Eu a agradeço por ter acreditado neste projeto e espero que este livro seja digno da sua confiança. Eu ainda gostaria de agradecer ao meu coorientador, o Sr. Philippe Jaspers, quem primeiro sugeriu que eu escrevesse uma tese de doutorado sobre a Bíblia usando uma abordagem antropológica, após ter orientado a minha dissertação de mestrado.

O Professor Thomas L. Thompson gentilmente aceitou o convite para arguir como examinador da minha tese, e o presente livro é resultado do nosso encontro. Eu gostaria de agradecê-lo, primeiro, pela inspiração que o seu trabalho deu a esta pesquisa e, em especial, juntamente com o Professor Niels Peter Lemche, por me permitir publicar os resultados da tese na série Copenhagen International Seminar, o que é uma grande honra.

Devo ao Professor Yaakov S. Kupitz, da Universidade Hebraica de Jerusalém, o conhecimento das profundas semelhanças entre as *Leis* de Platão e o Israel bíblico. Sou grato a ele por muitas ideias no presente trabalho e quero expressar quão agradecido sou pela sua preciosa ajuda.

Os primeiros esboços deste projeto necessitaram de considerável revisão e melhoria, e eu expresso meus sinceros agradecimentos aos

meus amigos Sr. Noah Maurer, que reformulou completamente muitas passagens, e Sr. Marc Appels, por corrigir pacientemente os meus erros. Também agradeço ao Professor Jim West por suas prestimosas revisões e comentários, e a Thomas L. Thompson, por oferecer recomendações adicionais. Gostaria de agradecer ao Dr. Duncan Burns pela excelente preparação deste livro para publicação. Também agradeço à Sra. Val Hall, da Equinox Publishing.

O Professor Jacques Cazeaux também foi uma grande fonte de inspiração para esta pesquisa e eu o agradeço por atuar como um dos examinadores da minha tese de doutorado. Muitos professores da ULB demonstraram o seu interesse e apoio; entre eles, gostaria de agradecer especialmente ao Professor Baudouin Decharneux, que foi o presidente da comissão de acompanhamento e membro da minha banca examinadora; ao Professor Pierre Petit, que presidiu a defesa pública da minha tese; e ao Professor Pierre de Maret pelo seu apoio valioso. Todos os pesquisadores e professores do Centre Interdisciplinaire d'Etude des Religions et de la Laïcité (CIERL) me fizeram comentários preciosos e me deram apoio. Eu também aprendi muito ao participar em sessões do SIRE (Séminaire Interdisciplinaire de Recherche et d'Etude) organizadas pela Professora Ioanna Papadopoulou. Volto a agradecer aos professores Michèle Broze e Philippe Talon por terem me dado várias oportunidades para apresentar e lecionar o meu trabalho para os seus alunos e no Institut des Hautes Etudes de Belgique. Também agradeço a Emanuel Pfoh, da Universidade de La Plata. Agradeço à Professora Françoise Héritier, do Collège de France, pelo seu interesse e apoio à minha pesquisa. Eu gostaria de dedicar este livro à memória do Professor Claude Lévi-Strauss, que permanecerá sendo a minha principal fonte de inspiração e metodologia.

Por fim, gostaria de agradecer aos meus irmãos, minha família, a todos os meus amigos e aos Vismets. Gostaria de agradecer especialmente aos meus pais, que sempre me apoiaram e incentivaram em todos os meus anos de estudos.

INTRODUÇÃO:

HIPÓTESE E TESE

A primeira hipótese que fundamenta esta pesquisa é: “Uma análise estrutural da Bíblia é relevante?”. A análise estrutural desenvolvida por Claude Lévi-Strauss convida a comparar as variantes de um mito, de modo a definir as regras que levaram à transformação das mesmas. Para isso, um antropólogo define uma área geográfica cultural na qual são possibilitados contatos entre populações e considera que um mito consiste de todas as suas variantes – o que significa que uma única versão de um mito não é considerada original e autêntica (em oposição a outras que seriam consideradas adulterações). No entanto, Lévi-Strauss mostra que a natureza de qualquer mito é se reinventar através de cada novo orador que dele se apropria. Por conseguinte, um estruturalista examinará todas as variantes de um mito encontradas em uma área geográfica definida. Para Lévi-Strauss, uma análise comparativa de mitos vindos de populações que não estiveram em contato no decorrer da história pode ser feita, mas é irrelevante em contraste com uma análise comparativa focada em uma área cultural limitada.¹

Lévi-Strauss nunca tentou analisar a Bíblia com o seu método, exceto em um artigo tardio de 1988. Nesse artigo, ele comparou a estranha declaração de Zípora quando ela circuncidou o seu filho (Ex 4.25-26) a um rito dos bororos do Brasil, mas admitiu que a similaridade encontrada se devia apenas a uma mera coincidência; portanto, esse artigo não foi feito para convencer os leitores. Mesmo assim, Lévi-Strauss pareceu sugerir que uma análise estrutural adequada da Bíblia poderia ser feita.

Se considerarmos as narrativas bíblicas como míticas (mesmo que elas evoquem alguns acontecimentos históricos), podemos exami-

¹ LÉVI-STRAUSS, Claude. “Exode sur Exode”. In: *L’Homme*, n. 106-107, 1988, p. 13-23.

nar todas as narrativas similares encontradas nas literaturas dos países vizinhos, começando com os mais próximos: Síria (notadamente os textos de Ugarit que falam da mitologia e da religião que a Bíblia chama de “cananitas”),² Fenícia, Egito e Mesopotâmia. Esse trabalho comparativo tem sido objeto de numerosos estudos e publicações.³ A principal tendência desde o fim do século XIX tem sido pensar que a Bíblia Hebraica nasceu num contexto literário essencialmente semita, apropriando-se especialmente de temas míticos da literatura mesopotâmica. É comumente acordado que as narrativas que cobrem os primeiros onze capítulos do Gênesis foram inspiradas por mitos babilônicos sobre a criação do mundo e dos seres humanos, a erva da imortalidade, o dilúvio e a confusão das línguas, respectivamente encontrados em textos tais como o *Enuma Elish*, o *Épico de Gilgamesh* e o *Épico de Enmerkar*. Por outro lado, o livro dos Reis contém elementos confirmados por descobertas assírias: alguns dos nomes dos reis de Israel e de Judá do nono ao sexto século a.C. foram encontrados em arquivos assírios e babilônicos.⁴ Os ataques a Samaria por Sargão II em 782 a.C. e a Jerusalém por Nabucodonosor em 587 a.C. são confirmados por fontes assírias e babilônicas. A partir dessa curta síntese, parece que as conexões entre as literaturas bíblica e assiro-babilônica estão centralizadas no começo da Bíblia, em narrativas que podem ser vistas como mitos, bem como no final do livro dos Reis, que fala da destruição dos reinos de Israel e de Judá. Partindo desses fatos, sugere-se que os autores bíblicos tinham conhecimento não apenas da mitologia mesopotâmica que remete ao terceiro milênio a.C., a qual eles utilizaram como fonte para o prólogo de Gênesis, mas também dos arquivos reais próprios de Judá e de Israel, que são as fontes principais para o livro de Reis. Por fim, algumas leis bíblicas compartilham semelhanças óbvias com o famoso *Código de Hamurabi*.

Os livros bíblicos de Gênesis a 2 Reis são contínuos, e a estrutura narrativa que eles formam é o objeto da presente análise. Se as

² Veja CAQUOT, André; SZNYCER, Maurice. In: *Ugaritic Religion*. Leiden: Brill, 1980.

³ Para uma antropologia dos paralelos entre os textos bíblicos e os do Oriente Próximo, veja HALLO, William (ed.). *The Context of Scripture. I: Canonical Compositions from the Biblical World*. Leiden/Nova York: Brill, 1997.

⁴ FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil Asher. *The Bible Unearthed*. Nova York: Free Press, 2001.

literaturas assiro-babilônicas oferecem paralelos tanto míticos como históricos com o começo e o final da Bíblia, o que dizer de todas as narrativas intermediárias (tais como as histórias dos patriarcas; a escravidão no Egito e o Êxodo; as leis bíblicas dadas ao povo de Israel durante os seus quarenta anos de peregrinação no deserto; a conquista da terra de Canaã e a divisão do seu território em doze tribos, incluindo o período de dissensões que se seguiu à sua conquista, conforme relatado no livro dos Juízes; bem como os primórdios da monarquia unida de Saul, Davi e Salomão até a divisão de Israel e Judá em dois reinos distintos que acabaram por ser aniquilados pela Assíria e pela Babilônia)? Essas tradições são próprias de Israel ou podemos encontrar narrativas semelhantes na literatura de outra cultura? Este trabalho tenta responder a essas perguntas por meio da literatura de um país que não está tão distante da Judeia, um país que desde o século IV a.C. espalhou a sua cultura pelo Oriente Próximo por intermédio da conquista – a Grécia.

A segunda hipótese, que se desenvolveu rapidamente a partir das observações iniciais desta pesquisa, é: “A literatura grega mostra narrativas de tipos míticos e históricos que seriam semelhantes às aquelas encontradas na Bíblia e, se assim for, podemos inferir que os autores bíblicos tinham um conhecimento direto dessa literatura?”. A partir da comparação mais exaustiva possível entre as narrativas bíblicas e a mitologia grega, surgiram numerosas semelhanças que cobrem a grande maioria das narrativas nos livros de Gênesis a 2Reis, para as quais equivalentes muito semelhantes podem ser encontrados nos textos dos principais autores gregos. Essas semelhanças acentuadas constituem o principal argumento do presente trabalho. Três sub-hipóteses resultam da reflexão sobre tais semelhanças. (1) “Os gregos e os judeus, bem como vizinhos tais como os fenícios, compartilharam um pano de fundo cultural comum – um que teria sido apropriado de uma forma diferente por cada cultura?” Essa seria uma hipótese conduzida com reserva, uma que apenas reuniria essas semelhanças, sem prejudicar a extensão da propagação; que consideraria que o caminho dessa propagação não pode ser atribuído exclusivamente aos textos e presumiria, corretamente ou não, que ela teria sido uma tradição oral – e, conseqüentemente, perdida – nascida desses escritos. (2) “Pode ter havido contatos e apropriações diretas de uma cultura pela outra, o que significa que a literatura grega pode ter se apropria-

do de histórias do mundo semita ou da própria Bíblia, ou que a Bíblia pode ter adotado mitos da literatura grega”. Se inferirmos que houve apropriação, então deveríamos perguntar se essa foi via transmissão oral ou se existem ligações diretas entre os textos. Mesmo que a primeira sub-hipótese seja a mais fácil de defender, o presente trabalho se baseia na segunda. Eu acredito que a Bíblia se apropria de temas míticos, literários e filosóficos dos grandes autores gregos. Portanto, ela teria que ter sido escrita após a morte de um dos mais importantes deles em 350 a.C., Platão, e depois de a Judeia ter se tornado uma província grega, após a conquista de Alexandre, o Grande. No decorrer de dois séculos, a Judeia estava tão colonizada e helenizada que os judeus progressivamente integraram a cultura grega à deles. Por conseguinte, a terceira sub-hipótese: (3) “Como a Bíblia é de autoria de um ou mais estudiosos da Judeia educados à moda grega – uma educação baseada em literatura e filosofia – ela é uma coleção de escritos que teriam se apropriado da tradição grega, a fim de fazer dela um épico nacional do povo de Israel”. A Bíblia é uma narrativa hebraica repleta de filosofia teológica e política, inspirada pelos escritos de Platão, embelezada com mitos gregos e adaptada para os personagens e ambientações do Oriente Próximo.

Segundo os resultados da minha análise, o(s) autor(es) da Bíblia queria(m) transpor – na forma do seu próprio épico nacional – o Estado Ideal das *Leis* de Platão, um projeto político e teológico iniciado na *República*. A história bíblica, que evoca a fundação de um Estado de doze tribos dotado de leis divinas que lhe permitem viver idealmente, parece ser inspirada pelas *Leis* de Platão, provavelmente o menos conhecido dos diálogos do filósofo pelos contemporâneos. Analisarei todas as leis semelhantes entre os dois textos, bem como as suas respectivas teologias, e tentarei mostrar que mesmo o monoteísmo bíblico tem uma dívida para com Platão. Para acentuar essa utopia platônica com narrativa, o(s) autor(es) bíblico(s) utilizaram fontes gregas – Heródoto serve de fonte para mitos e histórias na “prosa histórica”.⁵ Em seguida vêm os grandes ciclos mitológicos gregos: os argonautas, o ciclo heráclida, o ciclo tebano e o ciclo troiano, compostos por au-

⁵ Veja WESSELIUS, Jan-Wim. *The Origin of the History of Israel: Herodotus' Histories as Blueprint for the First Books of the Bible*. Londres/Nova York: Sheffield Academic Press, 2002.

tores tais como Homero, Píndaro e os trágicos, que creio terem sido fontes de inspiração para a Bíblia. Seu autor ou autores se apropriaram de mitos, separou e os transformou de acordo com a necessidade; no entanto, foram deixados vestígios, talvez intencionalmente, desses empréstimos. Em Gênesis-Reis, existe uma oposição entre o Estado Ideal das doze tribos – um Estado regido apenas pelas leis, para o qual o projeto é dado por Deus a Moisés e que é fundado por Josué – e a monarquia. A monarquia das nações em Gênesis e Êxodo e a de Israel nos livros de Samuel e Reis é a mesma cujos excessos causarão a divisão de Israel e, assim, a sua conseqüente queda. A história bíblica de Gênesis a Reis é uma obra literária coerente e uniforme que pode ser analisada por si mesma – como Jacques Cazeaux o faz⁶ – e sem referência às supostas fontes dos textos, independentemente de serem elas “javistas” ou “eloístas”, como a hipótese documentária postula, ou mesmo gregas, como no meu ponto de vista. Sejam quais forem as suas fontes e datações, a Bíblia é, primeiramente e acima de tudo, uma coleção de livros – extremamente bem escrita e muito raramente lida.

Seja quem tenha escrito a Bíblia, parece ter tido acesso a arquivos confiáveis sobre os reis de Israel e de Judá, os quais são regularmente referidos em 1 e 2 Reis. Voltando ao passado, começando a partir desses personagens e eventos históricos, da queda de Jerusalém e da deportação da elite de Judá para a Babilônia, o(s) autor(es) da Bíblia criou(aram) uma ficção magistral, com os reis fictícios como as causas primordiais da decadência: Saul, o desobediente rei possesso; Davi, o assassino adúltero; e Salomão, o tirano apóstata. Antes disso veio a guerra civil das tribos contra a menor delas, Benjamim – o que explica por que, mais tarde, Israel cometeu o erro fatal de pedir um rei ao profeta Samuel. O período dos juízes é caracterizado por uma falta de unidade nacional contra inimigos externos e às vezes internos. Voltando ainda mais no passado, à fundação do Estado das doze tribos e à distribuição da terra por sorteio, uma forma de cadastro imutável que era transmissível de pai para filho foi diretamente inspirada nas *Leis* de Platão. Mesmo antes disso estava a peregrinação no deserto e Moisés recebendo a Lei. Muitas dessas leis também podem ser vistas nas obras de Platão. No entanto, muitas leis bíblicas não têm relação

⁶ CAZEAUX, Jacques. *Le partage de minuit: essai sur la Genèse*. Paris: Cerf, 2006 (*Lectio Divina* 174).

com a literatura grega e podem ser encontradas no *Código de Hamurabi*. Como veremos, o Êxodo – a grande partida do Egito – também deriva de fontes gregas. E, em Gênesis, as narrativas dos patriarcas retratam personagens ideais fiéis a Deus, que renunciam a qualquer pretensão real e mesmo à posse da Terra Prometida.⁷ Ao seguir o fluxo reverso da Bíblia, somos levados de volta à Babilônia, Babel, como o local da partida de Abraão para Canaã, em Gênesis 11, bem como o fim da jornada para os seus descendentes de Judá, em 2 Reis 24-25. Essa construção de “cobra que morde a própria cauda” pode nos ajudar a compreender a presença da Babilônia no começo e no final da Bíblia. Entretanto, isso não significa necessariamente que a Bíblia surgiu durante o exílio. A Babilônia na narrativa bíblica é uma personagem, da mesma forma que Moisés ou Yahweh.

A tese de uma Bíblia surgida na era helenística, que foi inspirada livremente, mas principalmente pela literatura grega, dá origem a reações duvidosas porque parece inovadora e vai contra as teorias dominantes sobre as origens da Bíblia. Estudiosos como Thomas L. Thompson,⁸ Niels Peter Lemche⁹ e Philip R. Davies¹⁰ têm recentemente apresentado a ideia de uma datação helenística da Bíblia. Durante muito tempo isso foi considerado impensável. Eles partiram do fato de que a Bíblia aparece na história, com certeza, apenas na era helenística, tanto em termos de manuscritos como de conhecimento dos judeus e sua religião por autores gregos e romanos. Nada parece indicar que a Bíblia tenha existido antes desse período. Mais adiante farei uma análise detalhada dos argumentos dos proponentes das diferentes datas e mostrarei como estou de acordo com a datação mais recente possível. Como antropólogo, tento adotar a posição de Lévi-Strauss do “olhar à distância” (“*regard éloigné*”). Essa consiste em olhar para a sociedade de longe, como se ela parecesse uma cultura estranha e exótica que a etnologia descobriu. Durante a era colonial, entendia-se que o etnólogo estudava sociedades externas,

⁷ *Idem*.

⁸ THOMPSON, Thomas L. *The Mythic Past*. Nova York: Basic Books, 1999.

⁹ LEMCHE, Niels Peter. “The Old Testament: A Hellenistic Book?” In: GRABBE, L. L. (ed.). *Did Moses Speak Attic?* Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998, p. 287-318.

¹⁰ DAVIES, Philip R. *In Search of “Ancient Israel”*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1992.

consideradas primitivas, ao passo que o sociólogo estudava a sua própria sociedade “evoluída”. A descolonização derrubou a fronteira entre essas duas disciplinas, tanto que elas agora são vistas como duas especializações da mesma ciência. Eu tomei conhecimento do método da análise estrutural a partir da obra *Mythologiques*, de Lévi-Strauss, e tento aplicar esse método à Bíblia fielmente, com consciência de uma adaptação necessária devido às diferenças de material, uma diferença que está baseada essencialmente no modo de transmissão.¹¹ Eu vim para o campo dos estudos bíblicos como um etnógrafo teria vindo – cheio de ideias preconcebidas que foram obtidas de autores que acreditavam conhecer o povo que eles estudavam. Como o etnógrafo, eu não acredito nos mitos e deidades dos sujeitos que estudo.

No século dezenove, a antropologia era orientada pelo evolucionismo e pelo etnocentrismo. Os ocidentais pensavam que as religiões dos povos “exóticos” eram superstições vãs, comparáveis às religiões pagãs da antiguidade, e que o cristianismo as havia derrotado, revelando como sendo a religião do único deus “verdadeiro”. Os antropólogos viam em sociedades “primitivas” um estágio de evolução religiosa pelo qual o próprio mundo ocidental tinha passado – uma mistura de animismo e politeísmo em que o monoteísmo judaico-cristão era visto como a perfeita realização da religião. Conforme se tornou mais científica, a antropologia se absteve de criar hierarquias entre as sociedades e começou a enaltecer uma forma de relativismo cultural, juntamente com o crescimento do ateísmo no mundo ocidental. Sobre essa base antropológica, considero a religião judaico-cristã (o uso deste termo será justificado ao longo do presente trabalho) como eu consideraria qualquer outra. Isso deve ser especificado logo nas primeiras páginas, a fim de me distinguir dos estudiosos “crentes” frequentemente envolvidos em estudos bíblicos.

Quando o etnólogo compara narrativas de diferentes tribos das Américas e conclui que o mesmo mito se espalhou de tribo para tribo, com cada novo orador o transformando à sua própria maneira, é improvável que esse orador ou oradora ofenda os descendentes

¹¹ Veja BROZE, Michèle; DECHARNEUX, Baudouin; JESPERS, Philippe; JONCKERS, Danielle. *Oralité et Ecriture dans la Pratique du Mythe*. Bruxelas: Institute de Sociologie de l'Université Libre de Bruxelles, 1998 (Civilisations 46.1-2).

dos nativos americanos, que muitas vezes descobrem as culturas dos seus ancestrais por meio dos trabalhos de etnólogos, haja vista que a colonização destruiu essas culturas ao longo de cinco séculos. É ainda mais improvável que ele ou ela ofenda os seus leitores ocidentais. Ninguém ficará ofendido pela história do “ninho do pássaro”, em *Mythologiques*, ser chamada de mito, cujas variantes Lévi-Strauss encontrou de uma extremidade à outra do continente americano. Da mesma forma, ninguém ficará chocado ao saber que o mito germânico da morte de Siegfried é uma variante do mito grego da morte de Aquiles: ambos são feridos letalmente no único ponto vulnerável de seus corpos, o ombro e o calcanhar, respectivamente. A dificuldade deste trabalho está no seu confronto com a ideologia religiosa, tanto judaica como cristã, que ainda defende que a Bíblia é, no mínimo, muito antiga, senão de origem totalmente divina. Como antropólogo social, é minha função levar em conta a resistência extremamente forte que uma análise comparativa da Bíblia com a literatura grega provocará em alguns círculos; o que pode explicar o porquê de uma análise comparativa em profundidade da Bíblia com as *Leis* de Platão não ter sido feita antes.

Nos capítulos que se seguem, farei uma análise crítica das teorias sobre o surgimento da Bíblia. Nesta introdução geral eu apenas salientarei o preconceito religioso que tem mantido os estudos bíblicos num círculo fechado; a maioria dos estudiosos que trabalham nesse campo é de crentes, e os paradigmas mais importantes a que hoje ainda se dá crédito foram construídos por teólogos, na maioria das vezes, protestantes (Wellhausen, von Rad etc.). Mesmo que tenha havido uma evolução no reconhecimento do caráter mítico de algumas narrativas bíblicas (pelo menos para as mais antigas na cronologia bíblica), elas ainda são consideradas como provenientes de tradições autênticas próprias de Israel. A ideia de uma Bíblia que pegou os seus principais temas emprestados dos gregos vai contra a crença de um texto divinamente revelado, ou do seu caráter autêntico e original; vai contra a crença de que há algo único na Bíblia, algo sem precedentes, precisamente sem precedentes gregos. É preciso que seja imediatamente qualificado que o texto bíblico é original e único, embora a sua originalidade e singularidade sejam derivadas de como as narrativas, a maioria delas vindas da tradição grega, foram reunidas para formar uma ficção unificada e coerente.

Para além da hipótese da Bíblia como um livro da era helenística – o aspecto positivo do estudo –, demonstrarei como a crítica bíblica se tornou uma nova versão do mito bíblico (a sua continuação), o que a tem possibilitado permanecer quase intocável até o presente, mesmo que ela tenha tomado a forma de discurso científico que rompeu dogmas religiosos. “Todo e qualquer mito consiste de todas as suas variantes” é uma regra fundamental que eu adoto. Para ilustrar essa regra, Lévi-Strauss utilizou o caso do mito de Édipo.¹² A versão conhecida a partir da *Odisseia* de Homero não é mais autêntica do que a de *Édipo rei* de Sófocles, a qual se tornou “canônica”, nem é mais autêntica do que a interpretação psicológica de Freud. Para Lévi-Strauss, o “complexo de Édipo” não é uma interpretação que compreendeu o significado oculto do mito; ele é apenas uma nova versão do mito incluída entre outras no mesmo nível. Segundo ele, a interpretação não é verdadeira nem falsa; ela é sistematicamente uma nova versão de um mito. Somente a análise estrutural aspira ser capaz de quebrar esse círculo infinito ao explicar as relações entre as variantes, embora sempre se recuse a procurar pelo “sentido” do mito.¹³ Eu considerarei as hipóteses da crítica bíblica da mesma maneira: o javista e o deuteronomista, objetos de numerosas publicações, são personagens míticos no mesmo sentido em que o são Moisés e Josias. Na verdade, o primeiro, conquanto tenha existido, veio a substituir o último na versão moderna do mito das origens da Bíblia.

Proponho enxergar a Bíblia como um “fato social total”, tal como Marcel Mauss o concebeu.¹⁴ Um fato social total nunca pode ser reduzido a um dos seus aspectos, seja ele religioso, econômico ou social. A Bíblia é uma coleção de livros, mas ela também é um fato social para além do seu conteúdo; por isso ela está na base de duas religiões. Eu tentarei demonstrar que as relações entre judaísmo e cristianismo são diferentes do que a visão evolucionista da História indica. Se a Bíblia Hebraica for, de fato, um livro helenístico, então tanto o judaísmo como o cristianismo se desenvolveram nos mundos grego-romano e mediterrâneo, e ambos partilham raízes helenísticas

¹² LÉVI-STRAUSS, Claude. “La structure des mythes”. In: *Anthropologie structural*. Paris: Plon, 1958, p. 235-65.

¹³ LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mythologiques. IV: L’homme nu*. Paris: Plon, 1971, p. 577.

¹⁴ MAUSS, Marcel. *Essai sur le don*. Paris: Quadrige P.U.F., 2007.

e platônicas. Nenhum deles reconhece esse pano de fundo comum, encoberto pela crença compartilhada na inspiração divina das Escrituras. A Bíblia está no centro de duas religiões, embora pareça que a religião possa não ser uma “resposta a uma necessidade de espiritualidade”, mas sim um instrumento bastante eficiente de controle de uma classe social sobre outra. De acordo com Pierre Bourdieu, o uso de textos e rituais sagrados confere legitimidade a uma classe dominante sobre as classes inferiores. Essa legitimidade esconde uma *violência simbólica*, o que significa que ela reproduz a visão da classe dominante, de geração a geração, pelo uso de “mentiras piedosas”, transmitidas por uma *autoridade pedagógica*.¹⁵ Essa violência simbólica nunca manifesta encontra o seu paroxismo na *negação absoluta das origens culturais gregas da religião judaico-cristã*. A demonstração dessa origem é bastante fácil, ao passo que a parte mais difícil foi a concepção da ideia em si de uma Bíblia inspirada pelos gregos, haja vista que o mundo acadêmico, em todos os níveis – de escolas a universidades, tanto seculares como religiosas – tem excluído essa possibilidade.

As minhas habilidades como antropólogo social residem, então, na capacidade de descrever o fenômeno bíblico como um todo e não apenas encontrar as fontes literárias do seu projeto teológico e político (os diálogos políticos de Platão), e descrever como essas fontes foram adaptadas na própria Bíblia, no centro da análise, mas também analisar as condições da sua perpetuação. Na presente introdução, lidarei com obras apoloéticas de escritores judeus e cristãos da antiguidade, os quais defendiam que a Bíblia tinha inspirado a literatura grega. Isso mostra quão antiga é essa questão. Eu compreendo perfeitamente como o presente trabalho pode parecer simplista *a priori*. A cada dia dos últimos quatro anos que esta pesquisa durou, encontrei reações de dúvida, hostilidade e ressentimento, mas também (e felizmente) de curiosidade benevolente. Esta obra pode abalar a crença mais profundamente ancorada na mente ocidental, que é a crença na origem judaica tanto do Antigo Testamento como do cristianismo – o qual é, de acordo com o Novo Testamento, um movimento heterodoxo fundado por Jesus dentro do judaísmo e que se tornou uma religião autônoma depois da sua morte. Questionaremos a realidade desse cisma entre as

¹⁵ BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *La reproduction: essai pour une théorie générale de l'enseignement*. Paris: Editions de Minuit, 1970.

duas religiões, falando de uma simbiose em vez de um rompimento. Quero expressar nesta introdução como fui pessoalmente atingido, até mesmo afligido por essas descobertas, não tanto porque elas prejudicam uma crença que eu não tenho, mas por causa da simplicidade da solução. A tese não é infantil em sua simplicidade, pois é baseada na complexidade do texto bíblico e suas muitas formas. Ainda assim, meu espanto de que um estudo comparativo completo e neutro da Bíblia com Platão não tenha sido feito antes nunca diminuiu. Tudo isso – reações de hostilidade à tese e a ausência dela durante dois milênios – é objeto de análise para o antropólogo.

Dúvida, hostilidade e ressentimento, às vezes expressos verbal e violentamente, vêm possivelmente do desapontamento dos meus leitores e ouvintes. Eles não podem conceber que a solução seja assim tão simples e nem que ninguém a tenha sabido para falar antes. Portanto, segundo eles, eu devo estar errado e a minha metodologia deve ser ingênua ou insuficiente. Essa resistência, essa rejeição *a priori* da tese, vindas tanto de crentes como de não crentes, é uma demonstração do total sucesso do projeto bíblico e do profundo apego dos ocidentais à sacralidade do texto.

Nestas primeiras páginas é preciso especificar que nenhum julgamento negativo é feito contra a Bíblia pelo seu caráter relativamente tardio e por sua inspiração ser tomada dos gregos. Pelo contrário, eu admiro a obra-prima que ela é e acredito que ela possa até mesmo ser mais bem compreendida pelo conhecimento das suas fontes. A anterioridade das fontes gregas nunca é considerada para torná-las superiores ou vice-versa. Todo e qualquer mito consiste de todas as suas variantes, por conseguinte *tanto o Estado Ideal de Platão nas Leis como o Israel bíblico formam um único mito*. Na verdade, a própria ocultação da dependência de um texto em relação ao outro (a Bíblia sendo extremamente difundida, enquanto as *Leis* de Platão são lidas apenas por uns poucos filósofos profissionais e alguns *amantes* de Platão) é o que eu chamo de mito. O prazer sentido quando se descobre as fontes de um texto é como um sentimento de estranheza misturado com divertimento, semelhante a encontrar o *protótipo* de um objeto familiar, tal como a bicicleta ou o avião. A desproporção das rodas do primeiro velocípede ou o aspecto frágil das asas do primeiro avião nos fazem sorrir, embora estejamos conscientes de que tanto o inventor como aquele que aperfeiçoou a invenção são igualmente necessários.

Ao compararmos textos gregos clássicos com a Bíblia, descobrimos que eles continham as sementes dela. No entanto, nem um único verso da Bíblia terá sido modificado após esta análise, o que significa que a Bíblia, independentemente do que tenha sido dito sobre ela, permanece um texto único com as suas próprias qualidades literárias, que nunca podem ser reduzidas às suas fontes. Ao contrário da hipótese documentária, a minha demonstração das fontes gregas como a origem da Bíblia pretende provar que foi um autor sozinho que escreveu os livros de Gênesis a Reis. A hipótese de Spinoza era que um único escritor criou o “Eneateuco” com base em “documentos” anteriores,¹⁶ a mesma que tem sido reforçada recentemente por Wesselius e novamente por Cazeaux, esse último falando de um redator final cujo peso é quase tão importante quanto o do autor. A minha tese não apenas contradiz a hipótese documentária, como ainda considera que a separação entre o chamado Pentateuco e os chamados Livros Históricos (Josué, Juízes, Samuel e Reis) se deve meramente à tradição religiosa e não reflete a intenção primária do seu único autor.

A tradição que atribui a escrita do Pentateuco a Moisés, do livro de Josué a Josué e da maioria dos livros bíblicos a personagens bíblicos é, de alguma forma, retransmitida pela teologia moderna, uma vez que ela posiciona os escritores na cronologia bíblica mais tarde – porém ainda dentro dessa cronologia: o rei Josias publicou o Deuteronômio, Jeremias o escreveu, e Esdras publicou o Pentateuco na sua forma final.¹⁷ É aí que reside o grande paradoxo do monoteísmo: o livro sagrado que revela o único Deus, a Bíblia, deve ter sido escrito por múltiplos autores. Ter um único escritor para Gênesis-Reis, e possivelmente para outros livros bíblicos, contradiz a ideia da transmissão da palavra divina e de uma tradição característica de um povo. Ela é a obra brilhante nascida da mente de um único homem, baseada nas tradições de um país vizinho. É claro que a criação da Bíblia não foi *ex nihilo*; havia arquivos dos reis de Israel e de Judá, o culto mais ou menos exclusivo de Yahweh, algumas festividades, algumas proibições relacionadas à comida, o período de descanso semanal, a circuncisão, a língua hebraica em si – nada que não pudesse ser encontrado nos textos gregos. Mas esta pesquisa me levou a questionar

¹⁶ SPINOZA, Baruch. *Traité des autorités théologique et politique*. Paris: Gallimard, 1954.

¹⁷ FRIEDMAN, Richard Elliott. *Who Wrote the Bible?* São Francisco: Harper One, 1997.

tudo o que eu costumava considerar como especificamente judaico na Bíblia. Primeiro foram as narrativas, depois as leis e, finalmente, a concepção do divino.

O meu raciocínio é hipotético-dedutivo. Se não nego que, na verdade, havia influências mesopotâmicas, “cananitas” e propriamente judaicas na Bíblia, mostrarei que a influência grega é preponderante em termos de quantidade e de qualidade, uma vez que a Bíblia é, na minha análise, um reflexo da filosofia política inspirada pelos escritos de Platão, tornando, assim, a datação helenística mais provável. É necessário dizer que eu não tinha ideia sobre essa influência grega ou datação helenística quando comecei esta pesquisa, em 2004. Ela me veio depois de alguns meses de trabalho comparando textos. Antes disso eu considerava a hipótese documentária plausível. Começando com algumas semelhanças básicas entre a Bíblia e a mitologia grega que poderiam ser avaliadas como superficiais e devido ao mero acaso, determinei que essas semelhanças escondiam uma âncora grega mais profunda e que fontes gregas poderiam ser encontradas para narrativas e leis bíblicas. Esta obra mostrará os resultados obtidos, na ordem da narrativa bíblica, poupando o leitor da necessidade de atravessar o labirinto de quatro anos de pesquisa. Tivesse a hipótese da influência grega sido equivocada, as descobertas de paralelos teriam cessado rapidamente e eu teria que admitir que eles, na realidade, eram devidos ao acaso. Mas esse não foi o caso, para a minha grande surpresa e para a minha maior satisfação intelectual. A hipótese foi confirmada pela experiência, de maneiras que eu nunca poderia ter imaginado.

A prudência científica requer que eu evite insistir na datação e no sentido de propagação. Este trabalho poderia ser apresentado como uma antologia de similaridades, muitas delas não publicadas, entre as literaturas grega e bíblica. A pertinência dessas similaridades é difícil de contestar, acredito. Contudo, parece perigoso para os estudiosos querer estabelecer uma data na ausência de evidência que seria, segundo eles, mais decisiva. Portanto, eu deveria me restringir apenas a mostrar as semelhanças e concluir que elas se devem a um pano de fundo comum dos povos antigos do Mediterrâneo, com uma datação da Bíblia bastante consensual na era persa, concomitante com a era clássica na Grécia. Eu não poderia chegar a uma conclusão tão mínima porque ela contradiria os próprios fundamentos do meu método de pesquisa. É por rejeitar uma data conservadora e por considerar a

exposição da Judeia à cultura grega durante a era helenística que esses paralelos foram descobertos. Negar a hipótese de base, mas manter os resultados que a confirmam, não faria sentido. O empréstimo feito dos gregos e a datação helenística são as únicas formas de explicar a presença desses paralelos. Esta obra tentará justificar como e por quê.

O LESTE DO ÉDEN

Nos quatro volumes das *Mythologiques*, Lévi-Strauss vai da América do Sul à América do Norte seguindo a pista do “ninho do pássaro”, um mito utilizado como referência para a sua pesquisa. Verificado primeiramente entre os bororos do Brasil, Lévi-Strauss o encontra durante todo o caminho até a América norte-ocidental. A transmissão oral de mitos das Américas demonstra uma estabilidade surpreendente. Mesmo com mudanças significativas, eles têm mantido a sua estrutura básica por milênios de propagação pelo duplo continente. Quando comecei esta pesquisa, pensei que o mesmo processo esteve em ação entre a Grécia e o Oriente Próximo e que, portanto, qualquer semelhança que eu encontrasse seria devido a uma difusão de mitos baseada na transmissão oral. Mas não sabemos muito sobre transmissão oral na Antiguidade. Na Grécia, os *rhapsodoí* e os *aoidoí*, músicos e narradores profissionais, contavam mitos. Devemos acreditar que o mesmo é válido para o Oriente Próximo? Michael Astour mostra, em *Hellenosemitica*,¹⁸ que gregos e fenícios estiveram em contato pelo menos desde a era micênica. Alguns fenícios se estabeleceram em Chipre e talvez também em Cadmeia, uma região na qual os mitos relacionados contêm personagens com nomes semitas, tais como Cadmo (que vem da raiz semita QDM, que significa Leste). O ciclo tebano mostra claramente alguma influência do Oriente Próximo. No entanto, estudiosos como Astour, Cyrus Gordon¹⁹ e Martin L. West²⁰ tendem a pensar que essa propagação do Oriente para o Ocidente pode explicar tanto os elementos semitas

¹⁸ ASTOUR, Michael. *Hellenosemitica*. Leiden: E. J. Brill, 1965.

¹⁹ GORDON, Cyrus. *Before the Bible: The Common Background of Greek and Hebrew Civilisations*. Londres: Collins, 1962.

²⁰ WEST, Martin L. *The East Face of Helicon*. Oxford/Nova York: Clarendon Press, 1997.